

## ENTRE MARGENS: DA CRIAÇÃO À MONTAGEM

### IN-BETWEEN MARGINS: FROM THE CONCEPT TO INSTALLATION

Profa. Dra. Maria Virgínia Gordilho Martins<sup>1</sup>  
UFBA  
Associada ANPAP: sim

Profa. Dra. Luciana Benetti Marques Valio<sup>2</sup>  
FURG  
Associada ANPAP: sim

#### RESUMO

Neste artigo, trazemos reflexões e documentos de percurso desde a criação da obra “Entre Margens” até o seu processo de montagem na mostra “Húmus”, no Espaço das Artes, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A obra é um desdobramento de pesquisas artísticas anteriores, nas quais a relação com as “Entre Margens” dos rios e as comunidades que nelas vivem, se potencializam por meio de “Cartas de Afeto”. Tais cartas atuam como mensagens afetivas, preces e formas de proteção. São um chamado delicado para o cuidado com as águas fluviais, ao mesmo tempo, que dialogam com o espaço expositivo em que foram instaladas se aproximando do território de outros artistas. Em seu processo de montagem, precisou adaptar-se para preservar seu conceito, reinventando-se e se transformando, assim como os meandros do rio, que encontram outros caminhos para seguir adiante, “Como um rio”.

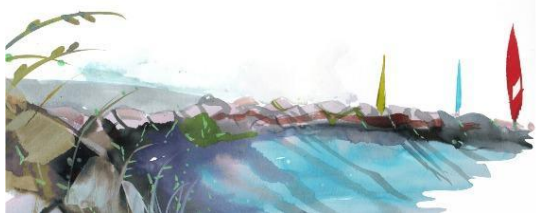
**Palavras-Chave:** floresta; proteção ambiental; margem fluvial; pintura. arte têxtil.

#### ABSTRACT

*In this article, we present reflections and documentation of the creative process, from the conception of the artwork “In-between Margins” to its installation in the exhibition “Húmus”, at the Espaço das Artes, at Universidade de São Paulo. The artwork is an extension of previous artistic research, where the relationship with the “in-between margins” of the rivers and the communities living there is strengthened through “letters of affection”. These letters serve as emotional messages, prayers, and forms of protection. They are a poignant cry for the care of river waters, while also engaging in dialogue with the exhibition space where they are installed, establishing connections with the territories of other artists. In its installation process, the work had to adapt in order to preserve its concept, reinventing and transforming itself, much like the meanders of the river that find new paths to keep flowing, “Like a river”.*

<sup>1</sup>Professora Titular aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atuando no Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBAUFBA) pelo Programa de Professores Aposentados (PROPAP), no qual orienta e ministra a disciplina Documentos de Percurso – Registros e Reflexões em Processos Criativos. Em suas pesquisas tece, em cruzamento poético, as raízes afro-indígena-luso-brasileira em paisagens pictóricas e objetos eternizados com ouro, prata e cobre, recolhidos em tempos e espaços distintos, em linguagens sem fronteiras. <https://vigagordilho.wixsite.com/arte> e <http://lattes.cnpq.br/9373752051792705>

<sup>2</sup> Artista, pesquisadora em Arte Contemporânea e professora de Tridimensionalidade do Curso de Artes, Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FUFRG), com atuação nas Linhas de Pesquisa em Arte Têxtil; Saberes ancestrais e manualidades na arte contemporânea; Arte e Natureza; Arte e decolonialidade; e Intervenção urbana. Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pós-Doutora pela UNICAMP e pela UFBA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/044040090408735> e ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2795-1538>



**KEYWORDS:** *forest; environmental protection; riverbank; painting; textile art.*

### **Entre Margens: a criação**

As pesquisas em arte são moventes, vão se transformando gradativamente, mas, a essência sempre está pulsante – a natureza. Penetro na arte têxtil como entro na pintura. Não existem fronteiras entre as linguagens que aqui se apresentam, pois o trânsito e o entrelaçamento entre fibras, corantes e pigmentos, constitui uma escuta sensível de cada material, explorando as possibilidades intrínsecas de cada matéria.

Outra escuta sensível aconteceu entre trocas reflexivas com Luciana Valio, artista que, sob a minha supervisão, realiza o estágio de Pós-Doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) na Escola de Belas Artes (EBA) na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Luciana esteve perto durante todo o processo de criação da obra “Entre Margens”, auxiliando particularmente nos mapas expográficos, no acondicionamento da obra para transporte aéreo de Salvador para São Paulo e, especialmente, na montagem da exposição coletiva “Húmus”, instalada no Espaço das Artes (EdA), da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), de 25 de abril a 16 de maio de 2025, com a curadoria de Ana Carolina Ralston, Hugo Fortes e Sandra Rey, por ocasião da realização do IV Seminário Arte Natureza, na Biblioteca Brasileira na USP.

Assim, assumimos a germinação dessa escrita conjunta, entre a minha voz no processo de criação da referida obra, usando a primeira pessoa do singular, e a análise conjunta da montagem processual, usando o plural e por vezes, a voz reflexiva. Encontros periódicos consolidaram a bagagem para a feitura deste texto. Aproximações oriundas dos interesses que permeiam as nossas pesquisas artísticas foram também muito significativas nesse percurso: a natureza em sua conformação – as águas, as terras, as folhas e os seres vivos. Também as ações dos fazeres em comunidades ribeirinhas, coletando, colhendo, costurando, bordando, tingindo, plantando e pintando. Essas confluências em nossas produções artísticas tornaram-se o broto para as frutíferas interlocuções, assim como, Rilke (2013, p. 27) descreve o Outono em *Cartas a um Jovem Poeta*:



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

As folhas caem como se do alto  
caíssem, murchas, dos jardins do céu;  
caem como gestos de quem renuncia.

E a Terra, só, na noite de cobalto,  
cai de entre os astros na amplidão vazia.

Caímos todos nós, Cai esta mão.  
Olha em redor: cair é a lei geral.

E a terna mão de Alguém colhe, afinal,  
todas as coisas que caindo vão.

Sob essas reflexões introdutórias, dei início ao processo criativo da obra “Entre Margens” (Imagens 1 e 2), que se emaranhou entre conversas, fungos, húmus, sementes, fibras, galhos, folhas, pigmentos, corantes, palavras, fragilidades e transparências, para que a luz atravessasse as entranhas das fibras tingidas com folhas tintoriais, assim como se infiltra pelas folhagens nas copas das árvores na Floresta Amazônica, refletindo nas águas suas cores esmaecidas. Como nos diz o poeta mineiro Guimarães Rosa, “nas suas superfícies os rios são muito vivazes e claros”. Para mim são também caminhos de água que delimitam territórios, berços de muitos grupos étnicos.



Imagens 1 e 2 – Documentos de percurso no atelier. Processo de criação tingindo fibras distintas com plantas tintoriais para obtenção de diferentes matizes verdes observando as cores da floresta

Fonte: acervo da artista, Viga Gordilho (2025).

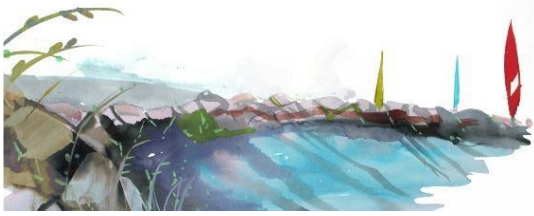


A obra “Entre Margens” teve, assim, a sua semente na pesquisa nas margens fluviais, constituindo na sua essência, um desdobramento poético da experiência em viagens por cidades ribeirinhas, que, por sua vez, indiciam o objeto principal de interesse no processo criativo. Nesses pequenos vilarejos ainda posso encontrar resíduos genuínos do nosso entrelaçamento cultural afro-indígena-luso-brasileiro, espelhados em trabalhos anteriores que reverberam, em fluxos e refluxos, a caminhada em arte - como no caso a série “A pequena floresta” (2014), “composta de sete módulos: fibras, fotografia e bordados, medindo 66 cm x 18 cm. Neles velei folhas recolhidas na Mata Atlântica: ipê, vinhático, peroba rosa, massaranduba, jacarandá, cerejeira e gonçalo alves” (Martins, 2020, p. 75). Esse processo de criação é revelado na materialidade que compõe a obra: camadas de tecidos, fibras e elementos naturais recolhidos em Itapetinga, Bahia, nas margens do rio Pardo.

De maneira semelhante, são confeccionadas as peças que compõem a pesquisa “Entre Margens”, sendo denominadas de “Cartas de Afeto”, por serem pequenas missivas, que guardam uma proteção entre suas sete camadas, como os sete mares que abraçam os rios. Às vezes são escavadas, outras vezes bordadas, com a inserção de costuras, tecidos transparentes e fibras tingidas naturalmente, além de outros materiais, como já pontuei, recolhidos nas margens fluviais.

A denominação “Cartas de Afeto” teve a sua gênese no projeto “Afetos Roubados no Tempo”, em terras africanas, nas proximidades do rio Orange, através do encontro em oficinas com artistas e artesãs em Mupumalanga, África do Sul. Com a proposta inicial de realização de “objetos que seriam ‘afetos’ transladados para peças em pequenos formatos, [...]”, a intenção era refletir “a memória simbólica de cada lugar de origem do autor, visando assegurar o registro e a valorização de identidades distintas e suas pluralidades culturais” (Martins, 2020, p. 58).

Por uma questão de melhor compreensão entre as pessoas de diferentes idiomas, expressei-me por meio de mímica mostrando “o próprio punho fechado para indicar o tamanho que os objetos deveriam ter. [...] Talvez por ter repousado o punho fechado no peito, a maioria dos objetos oriundos desses territórios lembram a forma de um coração. Entretanto, foi exatamente a partir dessa vivência que as peças passaram a ser denominadas “objetos-afeto.” (Martins, 2020, p. 58). Sob essas vertentes,



“Cartas de Afeto” constituem-se na poética de delicados objetos que medem 10 x 10 cm.

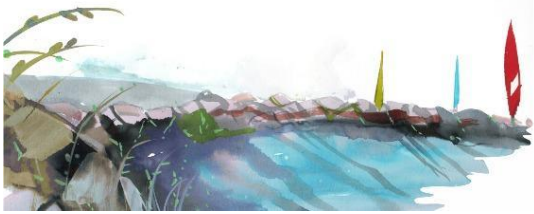
Para o projeto “Entre Margens”, cada carta recebeu matizes verdes, sendo o módulo têxtil ímpar, singular e em espelhamento ao módulo pintado sobre tela, oferecendo uma visão pictórica da outra margem. De um lado, o têxtil (Imagem 3), de outro, a pintura (Imagem 4). Assim, para as margens amazônicas teci e pinteí 42 “Cartas de Afeto”, sendo 21 para cada margem.



Imagens 3 e 4 – “Entre Margens”, Viga Gordilho, 2025. Detalhe de um módulo têxtil à esquerda e seu par correspondente, à direita, em pintura sobre tela. 10 x 10 cm  
Foto: Luciana Valio.

Essa região, preciosa pela sua biodiversidade, abrange a área ao redor do rio Amazonas, que é o maior rio do mundo em extensão e volume de água. A Margem Direita do Amazonas (MDA) cobre as bacias de sete afluentes do Amazonas, já a sua Margem Esquerda (MEA) é banhada por vários afluentes, entre eles, o rio Napo, o rio Içá e o rio Negro.

O onipotente rio Amazonas, em seu majestoso leito, passou por diversas denominações antes de ter a denominação atual. Segundo o escritor e ativista ambiental João Meirelles Filho, o rio foi chamado de: “[...] Paranatinga e Paruaçu (em Tupi), Guieni (em Aruaque), de Santa Maria de la Mar Dulce, Rio de Orellana, Rio San Francisco de Quito, Rio Marañon, El Río de las Amazonas, e, finalmente, Rio



Amazonas” (Meirelles, 2016, p. 7). Nome dado em menção às mulheres guerreiras amazonas, quando uma expedição de Francisco de Orellana foi atacada por povos nativos liderados por mulheres, no século XVI.

Com essas percepções, escolhi os matizes verdes para o tingimento das fibras com seus respectivos mordentes e texturas distintas, observando detalhadamente as cores da mata, seus reflexos na água e as imagens das planícies, das depressões e dos planaltos. A obtenção de suas transparências foi possível por meio das veladuras pictóricas e dos tecidos transparentes. No caso do relevo, utilizei os “achados” bonitos que encontrei pelos caminhos, os quais trouxeram à obra seus simbolismos dos sítios específicos e carga afetiva.

Significativo observar que, inicialmente, a obra era constituída por 21 pares, como referido anteriormente, sendo o têxtil em diálogo com a pintura, ou o têxtil em uma margem e a pintura na outra. Tal como o reflexo que se apresenta na superfície da água. Cada pequena obra com imagens heterogêneas, uma impressão do imaginário, um rastro, um traço visual de um tempo que agora toco, como nos fala Didi-Hubermann (1988, p. 211), nessas imagens que tangenciam o real.

Frequentemente, nos encontramos, portanto, diante de um imenso e rizomático arquivo de imagens heterogêneas difícil de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque seu labirinto é feito de intervalos e lacunas tanto como de coisas observáveis. Tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a pôr, uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem.

Nessas vertentes, a supracitada obra aproxima-se do trabalho de outros artistas que também fotografam e pintam imagens amazônicas, em luta pela proteção da floresta. No caso, a imagem fotográfica registrada recentemente pela artista campineira Valéria Scornaienchi, enquanto navegava de barco de Breves a Gurupá, apresenta um furo do rio Amazonas – Furo do Itaquara (Imagem 5). O trecho, que se segue, corresponde a anotações de seu diário, cedidas pela artista, em 15 de janeiro de 2025.



Imagem 5 – Furo do Ituquara, rio Amazonas, 2024  
Foto: Valéria Scornaienchi.

*A primeira noite no hotel foi estranha. Depois de três dias no barco confesso que o corpo sentiu falta do balanço, do ritmo e até do barulho do motor. Demorei pra dormir. Uma mistura de sentimentos. Parece que ficou uma falta do que nem bem acabou. Uma experiência muito intensa de corpo, visual, de afeto-rio. Não sei nem explicar ao certo. Ainda vejo as casas de palafita ao fechar os olhos. As crianças nas canoas, o rio que desaguou em mim e me encheu de sentimentos e sentidos outros de estar no mundo.*

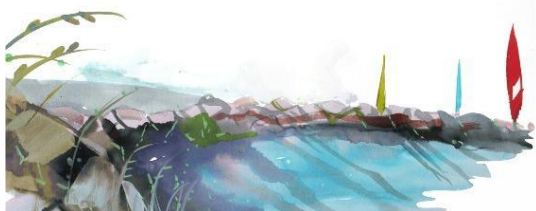
*Histórias que ouvi, pessoas de passagem sem busca, só estando indo e vindo de algum lugar como estado de ser migratório, impermanente, em fluxo.*

*Gesto de vidas que se intercalam por apenas três dias e agora se carregam umas às outras para todo o sempre. Desconhecidos que se reconhecerão na memória curta de um estado de barco.*

*Acolho a mim mesma, para tentar segurar os sentidos que me faltam para expressar o que me parece mais do corpo e menos da mente.*

*O que as palavras nem sempre alcançam (Scornaienchi, 2024, informação cedida diretamente pela artista).*

Tal como a imagem fotográfica revelada por Valéria, às imagens das Cartas aqui apresentadas acolhem também um “afeto-rio”, sendo uma forma de proteção que, por vezes, se ocultam na urdidura da poética, bem como podem se espelhar na trama dos



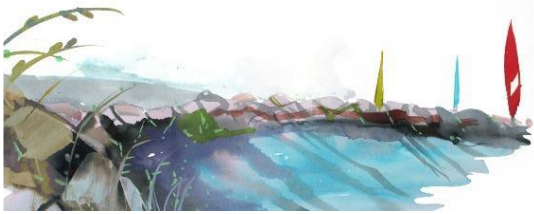
espaços e das situações idealizadas. O conceito busca manter vivo um diálogo pulsante entre o afeto e o rio Amazonas, que, na obra, se manifesta nos infinitos matizes de verde da floresta refletidos nas águas ou, por vezes, adormecidos no fundo do rio como lodo, abrindo inúmeros afluentes (Imagem 6).



Imagem 6 – “Entre Margens”, Viga Gordilho, 2025. Visão de um agrupamento de nove módulos das “Cartas de Afeto” em arte têxtil, estudo para montagem  
Foto: Pedro Salles.

A escolha em abordar um tema tão importante como os rios, para além de sua própria existência ontológica ou metafísica, refere-se ao momento atual urgente de dedicarmos nossa atenção e cuidado com as águas.

As Cartas continuam a ser escritas, muitas margens convivem ainda com minhas lembranças e inquietações. Às vezes, penso que essa obra [Cartas de Afeto] é uma revisão de minha própria vida,

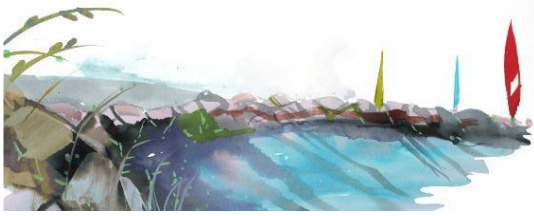


conectando tempos irreconciliáveis, perspectivas contraditórias e caminhos diversos, a partir dos quais pude também me reinventar, e me reinvento a cada dia, pois acredito que, no panorama atual do mundo em que vivemos, é possível articular, cada vez mais, conhecimentos pessoais, sociológicos e artísticos, na perspectiva de questionar a própria vida do planeta. Perceber o sentido da invisibilidade da cultura que caminhou e caminha nas margens fluviais, muitas vezes adormecidas. Assim, falo de particularidades que percebi em cada experiência. Continuo esperando, que as águas fluviais sejam salvas, uma vez que segundo o relatório mundial da ONU sobre Desenvolvimento dos Recursos Hídricos revela dados alarmantes sobre as águas residuais, onde 80% vão parar nos rios e oceanos do planeta sem tratamento. Um terço dos rios do planeta está poluído, onde os piores casos estão na África, Ásia e América Latina, pontuando que Água residual é aquela que sofre interferência por uso comercial, industrial ou doméstico, como o esgoto, por exemplo (Martins, 2024, p. 13-14).

Assim, é também intenção que o trabalho “Entre Margens” seja uma homenagem ao rio Amazonas. Ou, talvez, uma súplica – para dar continuidade à tecelagem e à pintura, usando harmonias cromáticas de cada território vivenciado, como uma prece, uma oração. “Continuarei a imaginar e a contemplar, cada margem nas suas particularidades, acreditando que os rios precisam ser mais respeitados e mais cuidados.” (Martins, 2024, p. 15).

A supracitada obra participou da exposição “Húmus”. A proposta curatorial dessa exposição abordou, de diferentes maneiras, as questões da natureza. E, segundo uma das curadoras da mostra, Ana Carolina Ralston, em entrevista a Thomé (2024) comenta sobre a arte “É mais delicada, mais lúdica. Com ela, conseguimos acessar lugares que, às vezes, são mais difíceis de atingir quando se vai com muita força na crítica”..

Como permeando o entorno, “Húmus” ocupa o espaço da arte para abordar a urgência das questões ambientais. A curadoria da mostra se baseou no pensamento da filósofa e zoóloga Donna Haraway que “fala desse lugar para o qual nós voltamos. Ela lembra que nós somos parte da decomposição, pois somos compostos de um núcleo de relações de microrganismos, como fungos e bactérias” (Thomé, 2024).



### **Entre Margens: a montagem**

O projeto “Entre margens” exigiu um criterioso plano de montagem, uma vez que, em sua gênese, consistia em uma composição de 42 módulos organizados em fileiras, de modo a possibilitar uma leitura tanto individual quanto geral da obra. Divididas em dois grandes conjuntos, dos têxteis e das pinturas, as peças foram expostas em três linhas e sete colunas, sendo os pares dispostos de maneira semelhante no outro agrupamento.

Assim, organizar a montagem da composição requereu planejamento, inclusive a confecção prévia de referenciais para o tamanho do têxtil manter-se constante. Algumas peças foram posteriormente emolduradas com vidro, com o acabamento na cor preta fosca, objetivando potencializar uma certa dinamicidade na composição geral.

Diante disso, criou-se três gabaritos, um para os têxteis, outro para as pinturas e, por fim, o terceiro para as peças emolduradas. Cada peça foi numerada correspondente com seu par para seguir a sequência da composição. Uma montagem inicial foi projetada na parede do atelier, ainda em Salvador, para elucidar como ficaria o trabalho pronto (Imagem 7), e para propiciar aos curadores o planejamento expográfico

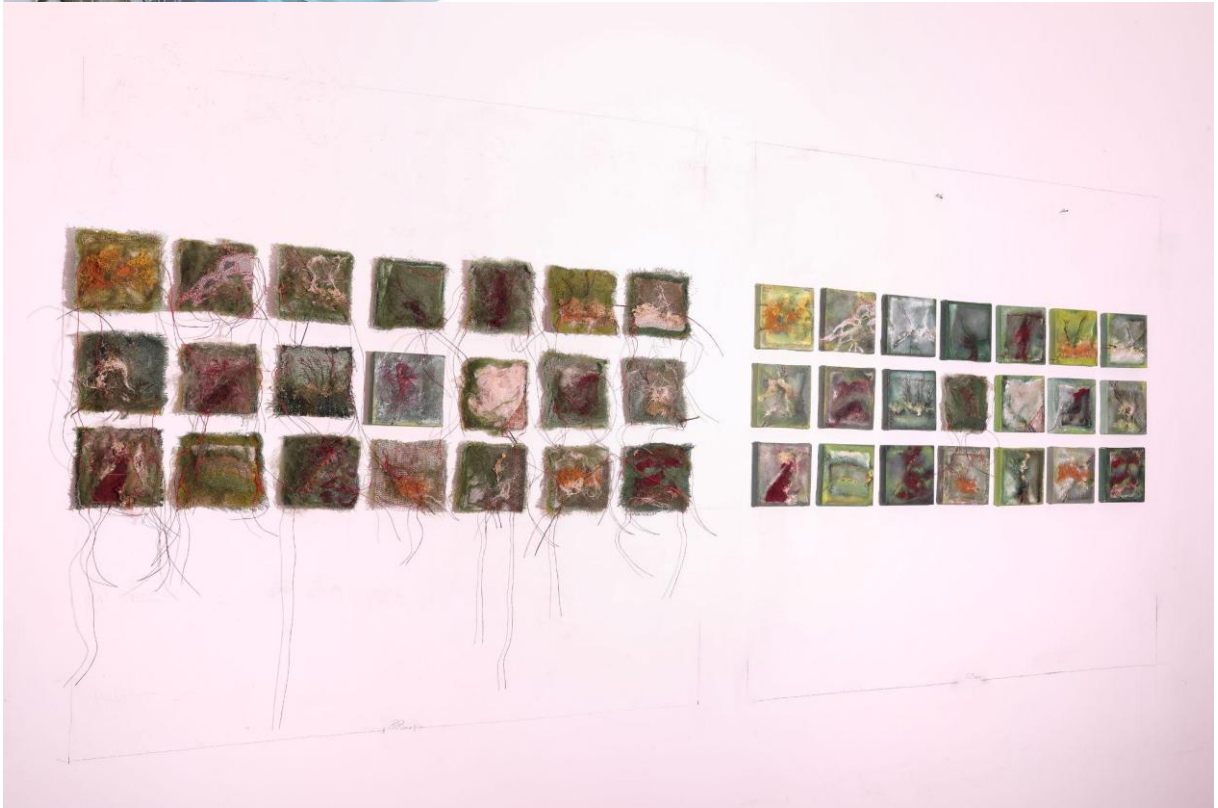
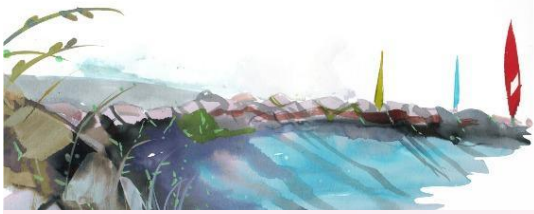
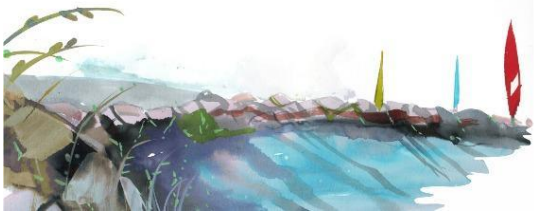


Imagem 7 – Projeto original de montagem inicial no Atelier de Viga Gordilho  
Foto: Viga Gordilho.

Sendo assim, ao encaminhar a montagem inicial, foi solicitado a um dos curadores, o professor e artista Hugo Fortes, que a obra ocupasse o encontro de duas paredes, para que o canto da sala fosse uma alusão às margens dos rios. E cada parede receberia um dos conjuntos das “Cartas de Afeto”, isto é, para que cada agrupamento correspondesse a uma das margens do rio Amazonas.

Com as peças devidamente acondicionadas e tudo cuidadosamente planejado, chegamos ao Espaço das Artes – atualmente gerenciado pelo Curso de Artes Visuais da ECA, da USP. O local, que já abrigou o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, conta com amplas salas expositivas bem iluminadas. A curadoria designou para “Entre margens” a sala à frente do salão de entrada do Espaço. Sendo o canto à direita, as paredes para a montagem da obra. Nessa sala, a predominância dos trabalhos eram em tons verdes, trazendo a presença da floresta para o espaço expositivo.

Como já observamos, a obra tendo menção direta às matas ciliares e às margens dos rios estava impregnada de verdes, de folhas, e de tons úmidos. Assim, a composição



das cartas afetivas oferecia movimento como um farfalhar de folhas pela brisa da mata dialogando preciosamente com as outras obras instaladas na sala (Imagem 8).



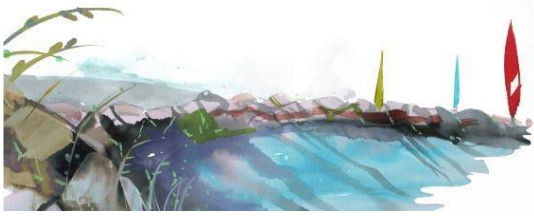
Imagem 8 – Visão parcial da sala no Espaço das Artes, ECA/USP, onde foi instalada a obra “Entre Margens”

Foto: Bruno Makia.

Para a montagem, desembalamos as peças e as organizamos no chão, em frente às paredes, a fim de projetar a disposição e facilitar a fixação de cada uma no local estabelecido. No entanto, ao conferirmos os pares, percebemos que uma peça estava faltando. Um dos módulos têxteis não viera. O que poderia ter acontecido?

Acreditou-se que o módulo ausente pudesse ter caído na esteira durante a inspeção de bagagem de mão, pois como um martelo havia sido esquecido na mala que acondicionava a obra, ao passar pelo raio-x do aeroporto, foi necessário descartá-lo. Como o martelo estava no fundo da mala, todas as peças precisaram ser retiradas. Diante dessa situação, supomos que, por se tratar de um têxtil leve e delicado, a peça tenha caído, despercebidamente, na esteira de inspeção.

A peça perdida era a de número 21. A pintura 21 ficaria assim sem seu par, sua referência têxtil. O que fazer? Como resolver a composição no momento da



montagem, diante da ausência de uma das peças? Como reorganizar os dois agrupamentos, cuidadosamente planejados com antecedência, para que a obra mantivesse sua coerência visual e conceitual planejada antecipadamente no projeto expositivo?

Imprevistos surgem em processos de montagem, como relata Hugo Fortes ao fazer a curadoria da exposição “Sinapses – o pensamento do artista”, em 2017. Ele apresenta que ainda com contratempos, o espaço possibilita criativas formas de resoluções. Nas palavras dele: “Procuramos assim extrair das dificuldades de montagem encontradas no local as possibilidades criativas que nortearam a proposta curatorial” (Fortes, 2018, p. 225).

De certo modo, foi o que se passou com o processo de montagem da obra “Entre Margens”. Foi necessário encontrar uma solução criativa para resolver a composição dos módulos. Buscando-se uma alternativa, iniciamos outra organização dos têxteis, repensando na composição – quais seriam? em que lugar? –, onde ficariam? Decidiu-se então: deixar o lugar vazio. A peça extraviada seria o espaço em branco. Estaria assim, na linha do meio, na segunda coluna da esquerda para a direita. Ali permaneceria contando uma nova narrativa das florestas, uma menção ao seu aniquilamento progressivo, talvez um sinal de alerta.

Mantendo o conceito da obra, porém adaptando-a às situações imprevistas, foram cortados dois fragmentos de linhas vermelhas, que estavam pendentes em outras peças, e fixou-os no espaço vazio da peça 21. As linhas vermelhas, cruzadas uma sobre a outra, formavam um xis em vermelho na parede, indiciando a ausência, e enfatizando o imprevisível, ao mesmo tempo em que se tornaram uma resposta sensível e criativa, configurando e transformando o plano inicial, contudo, preservando seu discurso conceitual e afetivo.

Ainda como uma provocação, complementando o xis vermelho, pequenas linhas foram adicionadas às suas extremidades, trazendo a ilusão da costura na parede. O têxtil camuflando-se no espaço expositivo, enfatizando a composição do conjunto dos têxteis e dialogando com o todo. (Imagens 9 e 10).



Imagem 9 – Processo de montagem de “Entre Margens”, no Espaço das Artes, Universidade de São Paulo  
Foto: Luciana Valio.



Imagem 10 - As artistas Luciana Valio e Viga Gordilho durante o processo de montagem de “Entre Margens”, no Espaço das Artes, Universidade de São Paulo  
Foto: Marcos Martins.



Assim a obra foi acolhida no cantinho de duas paredes, com delicadeza – um recolhimento entre margens que espelhava como pequenas células a transformação orgânica, aparente pelas cartas têxteis instaladas do lado esquerdo. Havia ali uma organicidade visível, como nas coisas que crescem naturalmente. Do outro lado, à direita, as cartas pictóricas ofereciam um novo olhar: o espelhamento das composições têxteis, onde a inserção de algumas molduras traziam equilíbrio e musicalidade – por vezes, repouso; outras vezes, densidade no espaço entre as telas. Intrigante, a ausência de um módulo que provocou a sensação de costura na parede. O ponto dado acentuou o repouso das cores que pulsavam. Ficou a intenção de desdobramento: uma margem – jardim, semeada com coisas pequenas e preciosas, na qual há uma vida toda para germinar e navegar, como nos fala o poeta amazonense Thiago de Mello, no seu poema “Como um rio”,

Como um rio

Ser capaz, como um rio  
que leva sozinho  
a canoa que se cansa  
de servir de caminho  
para a esperança.  
E de lavar do límpido  
a mágoa da mancha,  
como um rio que leva  
e lava.

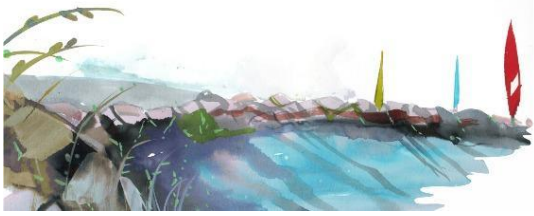
Crescer para entregar  
na distância calada  
um poder de canção,  
como o rio decifra  
o segredo do chão.

[...]

Como um rio.

(Mello, 1988).

Assim, as “Cartas de Afeto” na obra “Entre Margens” foram dedicadas ao rio Amazonas, como proteção, como prece, como memória, gênese de civilização, caminho de água em fronteiras territoriais da América Latina, pois acreditamos, conforme o Edital da 34º Encontro da ANPAP, “a arte tem o poder particular de capturar, questionar e até modificar nossas percepções sobre esses desafios críticos, oferecendo perspectivas inovadoras que ultrapassam as fronteiras tradicionais do conhecimento” (Associação, 2025, p. 1).



## Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Edital do 34º Encontro Nacional da ANPAP - Extremos. Rio Grande/RS, 2025. 22p. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/16K1iev6GraxT2AC4MFGG9rVk89r4zN2q/view> . Acesso em: 30 maio 2025.

DIDI - HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FORTES, Hugo. Sinapses: a montagem como pensamento e processo criativo. *MODOS. Revista de História da Arte*, Campinas, v. 2, n.1, p. 221-234, jan. 2018. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/1029>. DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v2i1.1029>. Acesso em: 19 maio 2025.

MARTINS, Maria Virginia Gordilho. Tecendo, tingindo e pintando cartas de afeto para as margens dos rios por onde passei. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP - VIDAS, 33., 2024, João Pessoa. *Anais [...]*. João Pessoa: ANPAP, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpap-vidas-421945/821403-TECENDO-TINGINDO-E-PINTANDO-CARTAS-DE-AFETO-PARA-AS--MARGENS-DOS-RIOS-POR-ONDE-PASSEI>. Acesso em: 19 maio 2025.

MARTINS, Maria Virgínia Gordilho. *Compartilhamentos poéticos: um memorial em tempo gerúndio*. Salvador: P55 Edição, 2020.

MEIRELLES FILHO, João. Introdução. In: MEIRELLES FILHO, João; MIRANDA, Eduardo E. (org.). *Rios do Brasil*. História e Cultura. São Paulo: Metalivros, 2016. p. 1-17.

MELLO, Thiago de. *Amazonas – águas, pássaros, seres e milagres: como um rio*. São Paulo: Salamandra, 1988.

RILKE, Rainer Maria. *Poemas e cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2013.

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias: a terceira margem do rio*. São Paulo: Livraria José Olympio, 2012.

THOMÉ, Ricardo. Seminário na USP aborda as relações entre Arte e Natureza. *Jornal da USP*. São Paulo, 23 abr. 2024. Cultura. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=879687>. Acesso em: 20 maio 2025.

## Notas